

Afinal, o que querem os homens no Saia Justa?

Por Valéria Araújo



A questão da identidade da mulher sempre foi central para o movimento feminista no mundo inteiro. A contestação da ideia de que a mulher podia encontrar significado para a sua vida através do marido e dos filhos é o mote para um livro que é hoje considerado um dos mais influentes do século XX – *Mística Feminina* foi lançado em 1963 e, segundo obituário de sua autora no *New York Times*, teria “transformado permanentemente o tecido social dos Estados Unidos e dos países ao redor do mundo”. Quase cinquenta anos depois, falar sobre igualdade entre homens e mulheres já não é exatamente um tabu, mas ainda provoca discussões acaloradas – atualmente, a questão da identidade feminina já não se coloca apenas pela questão doméstica e familiar, as mulheres passaram da queima de sutiã para afirmar a igualdade à reivindicação do reconhecimento da diferença e do tratamento justo nas relações de emprego, educação e tudo o mais. Criado em 1991 como um canal de comportamento, desde 2003 o GNT tem trabalhado a sua marca para tratar de assuntos de interesse do chamado universo feminino como comportamento, gastronomia, moda e sexo. E, acreditem, poder se assumir como um canal para mulheres que fala de roupas, maquiagem, cozinha e sexo, não é tarefa assim tão fácil.

Antes mesmo do redirecionamento de interesse do canal, estreou, em abril de 2002, o *Saia Justa*, um programa que reunia 4 mulheres bem conhecidas no cenário nacional – a jornalista Mônica Waldvogel, Rita Lee, a atriz Marisa Orth e a escritora Fernanda Young – para falar de “assuntos femininos”, ou não ([veja vídeo](#)). Tendo sido um dos primeiros programas femininos daquele que é hoje, de certo modo, o canal da mulher, o [Saia Justa](#) marca o lugar de debate sobre o pessoal político no canal que estreia em 2011 um programa com tutoriais de maquiagem (*Base Aliada*) e outro sobre os papos que rolam nos salões de beleza, entre escovas e manicures (*Conversa de Salão*). Com novo formato desde 08 de dezembro de 2010, o *Saia Justa*, outrora completamente dominado por elencos femininos, recebe agora quatro homens que se revezam nos sofás, um a cada bloco, com as três apresentadoras mulheres. Léo Jaime, Dan Stulbach, Eduardo Moscovis e Chico Sá chegaram com a proposta de tirar o elenco feminino da zona de conforto, colocando-o, de fato, em saias justas. Tété Ribeiro, jornalista e Christine Fernandes, atriz, juntam-se à Mônica Waldvogel, âncora do programa desde 2002, para formar o elenco feminino desta temporada do programa.

Mônica é, ainda, central na configuração do programa: é ela quem organiza o fluxo das conversas, chama os VTs com falas de especialistas, entrevistas e enquetes, coloca os temas pra debate, controla o tempo. A sua figura discreta, por vezes, contrastou com colegas de programa mais polêmicas, mas certamente, isso permitiu a sua permanência tão longa no programa. É ela quem representa o lado jornalístico, a credibilidade na relação com os especialistas convidados, e, ao mesmo tempo, a relação direta, quase íntima com os espectadores através da leitura das questões colocadas pela audiência para debate. Ainda que jornalista, Mônica pode, no Saia Justa, falar da lembrança de quando ganhou o seu primeiro sutiã sem que isso a descredibilize, pelo contrário, de certa forma, a qualifica para o lugar que ocupa – a mulher que organiza o fluxo entre o relato social jornalístico ou a opinião qualificada de cientistas sociais, psicanalistas, economistas, escritores e a conversa entre amigos sobre os assuntos apresentados por esses relatos e opiniões. Esse meio de campo é uma marca forte do programa – isto e ter o feminino como configuração central dos debates que propõe são grandes responsáveis por fazer do programa o que ele é. A presença da jornalista Lúcia Guimarães – que fez parte da equipe do Manhattan Connection, como jornalista cultural, por 16 anos antes de integrar a equipe do Saia Justa – fazendo matérias e comentários de cinema desde Nova York é a cereja do bolo do programa. Lúcia é a jornalista, a produtora das matérias, a “esquentadora” dos temas, mas tem sua trajetória ligada àquele jornalismo que, junto ao jornalismo esportivo, é um jornalismo com maior liberdade para seguir as regras e faz um bom par com a figura de Mônica Waldvogel.

Mas a grande novidade da temporada mexe naquilo que foi definidor do programa ao longo dos oito anos anteriores em que esteve no ar: o Saia Justa já não é mais um programa com bate papo entre mulheres – eles, os homens, passaram a fazer parte da sagrada conversa de meninas.

É verdade que nos últimos tempos, a animosidade entre integrantes do elenco podia ser notada sem muito esforço e havia tornado o programa um pouco menos interessante. Nesse sentido, a mudança no elenco e a presença de homens na conversa marca uma tentativa de reconquistar o interesse do público. Mas, mais do que isso, a presença de homens dinamizou a conversa, abriu espaço para outros olhares, criou mais oportunidades de divergência não pela disputa entre mulheres, mas pela diferença que, sim, existe na experiência social, cultural e emocional dos gêneros. De certa forma, a presença de homens na conversa parece tolher um pouco as mulheres na expressão de suas opiniões sinceras, elas parecem mais contidas em temas mais polêmicos porque a presença masculina significa a oportunidade de expressão do outro, um “ops, tenho que pensar melhor pra falar, porque se eu deixar uma brecha, ele pode contra-argumentar e me deixar sem razão”. Ao mesmo tempo em que isso cria um clima menos solto pra conversa feminina, parece ajudar a centrar a conversa no tema proposto, nas opiniões sobre ele, sem muitas fugas.

Os elementos masculinos do elenco se revezam de forma bastante tranquila e participam de forma muito ativa das conversas, mas é muito claro que eles são a novidade – por vezes, é em torno deles que a conversa se organiza e, claro, assumiram o lugar da curiosidade feminina: Mônica frequentemente pergunta diretamente aos homens como eles interpretam tal ou tal questão, como eles se comportam diante de tal ou tal reação feminina, como as coisas funcionam no mundo deles. No programa de 02 de fevereiro, que tinha como um dos temas “etiqueta masculina”, um VT mostrava a opinião de homens em um bar sobre as regras de comportamento entre si. No estúdio, logo após a

exibição do VT que termina com a declaração da regra de banheiro “nunca olhar para o território alheio” Mônica pergunta a Chico Sá: “Essa aliás, é a regra mais divertida de todas, confere Chico?” E o jornalista faz o seu comentário pessoal, que alimenta o debate:

Chico Sá: “Achei todos infinitamente mais machos do que eu, (...) mas acho que as novas gerações, elas já são mais flexíveis, que já negociam algumas coisas”

Christine Fernandes: “O quê, por exemplo”

Chico Sá: “Inclusive que mulher de amigo meu é homem (...).”

E o debate segue a lógica da curiosidade pela diferença, por aquilo que, supostamente, os homens só fazem entre si, pela libido masculina que é, segundo relata Chico Sá, extremamente afetada pelo fator mulher do amigo. A presença do homem na conversa, aqui, é a presença de alguém que pode desvendar os segredos desse mundo desconhecido das mulheres. Em outros momentos, esse homem é alguém com quem a mulher divide, inevitavelmente, o mundo, as festas de final de ano, que passa por problemas semelhantes aos dela, ou mesmo iguais. Sendo o lugar da mulher no mundo um ponto central de interesse no programa, parece justo deixar que os homens façam parte do debate. Mais do que isso, parece natural que eles falem também de filhos, celulite, maternidade, maquiagem, feminismo, natal e sutiã. Mas não se enganem: nesse programa aqui, a última palavra ainda é mesmo feminina.

:: Valéria Maria Vilas Bôas é jornalista formada pela Universidade Federal da Bahia e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA.